



Protestos no Brasil, Redes Sociais e Mídia Livrista¹

Adelino Pereira da SILVA²
Glauco Fernandes MACHADO³
Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, PB

RESUMO

Antes do desenvolvimento dos veículos de comunicação, a interação entre indivíduos se sintetizava ao face a face e imperava a divulgação tradicional de co-presença. A partir da conquista da visibilidade e formas de se produzir/reproduzir midiática - como as redes sociais digitais e as mídias independentes - surgem novos cenários e desafios para as mídias tradicionais, o que, por conseguinte, mexe com as estruturas formais do jornalismo tradicional. Portanto, o presente estudo procura, a princípio, discutir sobre essa nova forma de se fazer jornalismo, ora democrático, tendo como exemplo o TwitCasting⁴.

PALAVRAS-CHAVE: Protestos; Mídia Livrista; Redes Sociais; Jornalismo.

Internet e Sociedade

A onda de movimentos sociais ocorrem em vários lugares no mundo, e não é recente essa exercício. Tal prática já era exercida há séculos. Grupos de pessoas saíam às ruas para reivindicarem, geralmente, pelos direitos humanos. Contudo, no atual século em que vivemos, século XXI, os movimentos sociais possuem certa peculiaridade que o tornou, de certa forma, mais intensa. O que, aparentemente, parece preocupante aos que por longos períodos possuem (ou possuíam) o poder da informação e de conteúdo comunicacional. Ou seja, no estágio atual, a estrutura e organização em que se encontram os cidadãos que saem às ruas, saem mais organizados e em uma

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Graduado em Comunicação Social pela Faculdade Reinaldo Ramos - Cesrei e estudante de Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação PPGC/UFPB e integrante do Grupo de Estudos, Pesquisa e Produção em Audiovisual- GEPPAU/PPGC/UFPB.

³ Pesquisador do Núcleo de Antropologia Visual de Alagoas (UFAL). Graduado em Arte e Mídia (UFCG). Mestre em Antropologia (UFPE). Professor de Publicidade da Cesrei.

⁴ É um aplicativo que transmitir, no ato, imagens filmadas pela câmera do smartphone ou tablet ou a webcam do computador. Pode ser acessado em: <http://pt.twitcasting.tv/>.



quantidade significativamente expressiva, além de bem informatizados e aptos a lutar por causas (seja ela qual for).

Questionamentos podem e devem ser feitos e analisados a respeito de tais mudanças e comportamento social. O que levou e está levando a sociedade a se comportar dessa maneira? Por intermédio de que e como? A sociedade atual não é a mesma de ontem por quê? Ela está mais ativa na tomada de decisões? Como isso procede? Enfim, turbilhões de questionamentos surgem ao meditarmos sobre o atual comportamento social coletivo que encontramos hoje dentro e fora das redes sociais.

Dentre os muitos questionamentos, no momento, faz-se necessário observar tais mudanças na sociedade a partir do advento da *Internet*, ambiente onde a sociedade se encontra interligados e ligados. Segundo Castells (2003), "as sociedades mudam de conflitos e são administradas por políticos" (p. 114). E, ainda conforme o autor:

Uma vez que a internet está se tornando um meio essencial de comunicação e organização em todas as esferas de atividade, é óbvio que também os movimentos sociais e o processo político a usam, e o farão cada vez mais, como um instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar. (CASTELLS, 2003, p. 114).

Desta forma, o ciberespaço⁵ acaba por tonar um ambiente cobiçado por todos, principalmente pelos meios de comunicação convencional, que parecem tanto querer a soberania sobre a informação. Cria-se uma nova dinâmica dos movimentos sociais, onde eles passam a se comunicarem em rede, criando interconexão de comunidades locais por computador, favorecendo para uma maior participação do cidadão, o que acaba por abalar a centralização do poder da mídia. Consequentemente, "os movimentos sociais do século XXI, ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela Internet" (CASTELLS, 2003, p. 114).

Conforme Lemos, para Pierre Lévy a cibercultura (essa nova configuração tecnossocial) "é universal sem ser totalitária, tratando de fluxos de informação

⁵ Lévy (1999, p. 92) define ciberespaço como: "[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações. Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso."



bidirecionais, imediatos e planetários, sem uma homogenização dos sentidos, potencializando vozes e visões diferenciadas". (LEMOS, 2010, p. 71).

De certa forma, admite-se dizer que Lévy já usou de forma visionárias suas palavras a respeito das mídias sociais presentes na Web 2.0. Nas palavras do autor:

A comunicação por mundos virtuais é, portanto, em certo sentido, mais interativa que a comunicação telefônica, uma vez que implica, na mensagem, tanto a imagem da pessoa como a da situação, que são quase sempre aquilo que está em jogo na comunicação (LÉVY, 1999, p. 81).

A sociedade, no entanto, passa a interagir-se, também, em um mundo virtual, em uma rede, por "nós" de rede. Ela começa, de forma mais ativa e efetiva, a ser instituidora de informação e comunicação, entrando numa fase de transição de mero consumidor (receptor) para produtor (criador). Produtor de sua própria informação, agindo como um "mídia", e ainda crítico e consumidor da mesma.

Convergência: Jornalismo, Mídias Livristas e Redes Sociais

Segundo Lemos (2010), essas "novas tecnologias de informação devem ser consideradas em função da comunicação bidirecional entre grupos e indivíduos, escapando da difusão centralizada da informação massiva. (p. 62). Nesta perspectiva, no Brasil:

Recorrendo a um projeto de mídia alternativa em vigor no país desde 2011 baseado na tecnologia do *streaming* (transmissão amadora de vídeo pela internet), os manifestantes passaram a se utilizar da PosTV como forma de transmitir ao vivo e por meio de vídeos gravados, cenas de dentro do próprio protesto, local de onde muitos dos profissionais da grande mídia, e em especial da Rede Globo, passaram a ser expulsos como forma de repúdio à cobertura parcial feita dos protestos.⁶

Em relação a esse fenômeno comunicacional, podemos recorrer e aplicar teoricamente o conceito de jornalismo em "Tempo Real" (*real time*), dado por Moretzsohn (2002, p. 27), que, conforme o autor, corresponde ao "processo de produção de notícia". Outras terminologias também são usadas por estudiosos brasileiros, como

⁶ Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed754_a_era_pos_jornalismo>. Acesso em: 28 de outubro de 2013.



Jornalismo On-line (Palácios, Coelho Neto, Adghirni), Jornalismo Digital (Machado et al., Barbosa), Jornalismo na Web ou Webjornalismo (Mielniczuk, Seixas).

O jornalismo em "Tempo Real" de Moretzsohn (2002) possui praticamente as mesmas características conceituais que o "Jornalismo Online", dado por Mielniczuk (2003). Conforme a autora, o "Jornalismo Online", é feito empregando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real. O que, de certa forma, oferece mais autenticidade a comunicação, proporcionado uma certa "cultura da liberdade", mencionada por Manuel Castells (2000).

A autora Brambilla (2005, p. 2) diz que:

Manuel Castells (2000) firma-se como um dos autores de maior autoridade na abordagem dos impactos sociais, econômicos e culturais dessa transformação ocasionada pelas redes digitais de Comunicação. Ao situar o nascedouro de um ambiente social conduzido pela tecnologia da informação já nos anos 70, nos Estados Unidos, o autor destaca a "cultura da liberdade" como um dos traços mais fortes de uma tendência ainda em expansão neste início de milênio.

Até hoje esse fenômeno continua em expansão. Se referindo ao âmbito jornalístico na esfera digital, os atores sociais passam a ter, hoje, uma maior facilidade e meios que as fazem produtoras de informações, não mas apenas consumidoras. Possibilitado, assim, um balanço na cadeia hierárquica dos meios de comunicação existentes há tempos.

As novas tecnologias da comunicação e informação acabam ocasionando uma revolução digital, que, segundo Lemos (2010, p. 68):

[...] implica, progressivamente, a passagem do *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informação não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim a multiplicidade do rizoma (todos-todos).

O autor diz ainda que, "as novas tecnologias de informação devem ser consideradas em função da comunicação bidirecional entre grupos e indivíduos, escapando da difusão centralizada da informação massiva" (LEMOS, 2010, p. 68). Nesta perspectiva, percebe-se, hoje, múltiplas possibilidades de se fazer jornalismo. Uma dessas, e contemporânea, é o feito pelos mídias livres.



Os mídias livres, que são pessoas ou grupos de pessoas - onde alguns são jornalistas e outros não -, não possuem vínculos com jornais ou veículos de comunicação massiva, acabam tendo um maior crédito/credibilidade pela informação/comunicação transmitida para a sociedade. Isso se dá pelo fato de haver interatividade e participação da própria população na construção da mensagem. E, neste aspecto, a "estrutura piramidal do poder midiática massivo torna-se disfuncional na emergente cibercultura" (LEMOS, 2010, p. 71).

Algo que vem dando suporte (ou agindo em conjunto) a esse fenômeno comunicacional (de forma muito expressiva), a esse tipo de jornalismo feito pelos mídias livres, de "Tempo Real", de Moretzsohn (2002), de "Jornalismo Online", de Mielniczuk (2003), é a sua convergência com outros meios, em especial com a *internet*, mais especificamente nas redes sociais (ambientes presentes na *internet*).

De acordo com Jenkins (2008) o termo convergência é utilizado em diversos contextos, e significa muito mais que o agrupamento de múltiplas funções incluso nos mesmos aparelhos. Compete a uma "transformação cultural", um fenômeno que acontece em vários níveis por meio de cinco processos: tecnológico, econômico, social, global e cultural, e, a partir dessas variáveis, transforma as relações entre indústrias, mercados, gêneros, audiências e consumo dos meios. O autor diz ainda que, convergência "é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do imaginário estar falando" (JENKINS, 2008, p. 27). Visto a possibilidade de uso em vários contextos, Saad (2007, p. 3) profere que, "o termo convergência, quando associado as mídias digitais, é abordado por uma diversidade de pontos de vista, em sua maioria pertinentes, mas que metodologicamente tem o potencial de confundir propostas". Por essa multiplicidade de aplicações é que necessitamos especificar a relação de convergência com o fim jornalístico ou atividade jornalística.

Nesta perspectiva, uma conceituação é dada por Salaverría et al. (apud WEBER, 2012, p. 147):

A convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitada pela implantação generalizada das tecnologias digitais da telecomunicação, afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que são



distribuídos através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma. (tradução livre)

E, conforme Weber (2012), essa multiplicidade de enfoques "[...] faz da convergência um conceito multifacetado e dinâmico, pois se refere a um processo que afeta tanto o modo em que se produzem os conteúdos como o seu consumo" (p. 147). O autor expõe, diante disso, que a convergência acerta portanto no produto jornalístico: "as características formais dos conteúdos são modificadas, ao acentuar-se a multimídia das mensagens, assim como os próprios hábitos de audiência de consumi-los e interagir com eles" (*ibidem*).

Portanto, o fenômeno que se encontra diante do Brasil em 2013 (e até o o atual momento), de profundos e frequentes protestos e movimentos sociais (no âmbito virtual e fora dele) incide fortemente sobre os meios tradicionais jornalísticos. A disponibilidade e recursos que estão a disposição da sociedade, principalmente disponibilizados na *Web 2.0*, fazem deles produtores e consumidores de conteúdos jornalísticos, interagindo com a "matéria", criticando, revisando, tomando um papel que outrora era monopolizado pelos meios de comunicação, o que, por vez, por esse processo convergente, abala a estrutura de poder dos grandes meios comunicacionais e fortalece os *livristas* ou mídias independentes.

Poder aqui é entendido e empregado no sentido dado por Thompson (2008, p. 21): "No sentido mais geral, poder é a capacidade e agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos em suas consequências." O autor acrescenta dizendo que, "no exercício o poder, os indivíduos empregam os recursos que lhes são disponíveis; recursos são os meios que lhes possibilitam alcançar efetivamente seus objetivos e interesses" (*ibidem*). Nesta acepção, os *mídias livristas*, as redes sociais e a população (com os atuais protestos nas ruas, desde 2013) no Brasil vem configurando e fortalecendo um jornalismo colaborativo e comunitário, real e sem intervenções políticas de interesse, um fenômeno comunicacional que deve ser explorado e entendido a profundo.

Breve considerações

Os protestos no Brasil em 2013 consisti em várias manifestações populares por todo o país que inicialmente apareceram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, e que receberam grande apoio popular após a intensa repressão



policial contra as passeatas, levando grande parte da população a apoiar as mobilizações. Contudo, outras questões contribuíram para uma maior participação popular, dentre elas percebe-se a presença das mídias independentes e a *web*. Porém as mídias independentes não é bem vista no Brasil por parte dos grandes veículos de comunicação.

A não aceitação ou o não apoio as mídias independentes percebe-se que se dá, primordialmente, por ela proporcionar que os brasileiros tenha total e ampla noção de uma específica fonte, visto que muitas vezes a ideologia de uns prevalece em meio aos caos informacional. "Para muitos segmentos essa democratização significa a extinção dos grandes meios ou, pelo menos, fazer com que os mesmos percam força e relevância"⁷.

Contudo, outros meios modernos parecem dar força para a ostentação das mídias independentes. A *web* é um dos fatores que vem sendo uma fonte entusiasmante, mais especificamente as redes sociais digitais. Outra questão presente nesse contexto são os protestos que, desde março de 2013, desencadeou sucessivas manifestações em várias cidades do país⁸. Isso sucedeu (e ainda sucede) pela organização que esses movimentos tomou forma, a priori, no âmbito cibernético, nas redes sociais digitais. "De fato, as redes digitais são o campo de batalha onde se travam algumas das lutas mais significativas pelos direitos humanos"(BUSTAMANTE, 2010, p. 15). E hoje, no atual estágio social e político em que nos encontramos, "não podemos falar de liberdade de expressão nem de direito à informação se não considerarmos as possibilidades que as ditas redes oferecem aos cidadãos menos favorecidos" (*ibidem*).

Conforme Castells (2003, p. 266) "toda a informação está na rede", o que não quer dizer que achar o conhecimento específico de que se necessita é fácil. É preciso "saber onde está a informação, como buscá-la", e esta capacidade, embora seja socialmente desigual, pois deriva de fatores econômicos, sociais e culturais, que criam uma verdadeira "divisória digital" (*idem*, p. 267), parece, no âmbito jornalístico, ser facilitado pelo uso e presença das mídias independentes no ciberespaço e dos conteúdos gerados por ela, e posterior distribuídos nas redes sociais digitais.

⁷ Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed750_a_internet_e_o_\(ainda\)_mito_da_midia_independente](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed750_a_internet_e_o_(ainda)_mito_da_midia_independente)>. Acesso em: 28 de outubro de 2013.

⁸ João Pessoa, Manaus, Fortaleza, Natal, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro foram as principais cidades em que desencadearam as manifestações a favor do passe livre, dentre outras questões.



Diante do exposto, surge a necessidade de encarar esta temática com visão científico e debater suas características e relação. Pois, segundo Thompson (2008), trata-se de um fenômeno social de pleno direito, cujo estudo pode suscitar questões importantes sobre o papel da mídia, a construção do debate público e, ainda, a democratização da comunicação e informação. O trabalho das mídias sociais digitais e independentes na produção e na cobertura dos acontecimentos sociais, nesta perspectiva, mostra-se basilar. Devido a sua significância e robustez, o presente estudo buscar suscitar futuras pesquisas sobre tal fato. E, ainda, este trabalho representa uma contribuição para os estudos na área da Comunicação, procurando elucidar questionamentos pertinentes a formação de um evento midiático e cibernético, e as especificidades do veículo *internet*, em particular as redes sociais digitais, e mídias livres.

REFERÊNCIAS

- BRAMBILLA, Ana Maria. **A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source**. Sessões do imaginário, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/reconfig.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2013.
- CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- JENKINS, H. **Cultura de convergência**. Tradução Suzana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- MIELNICZUK, L. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, E. PALACIOS, M. (orgs.) **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: GJOL/Calandra, 2003.
- MORETZSOHN, S. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro, Revan, 2002.
- PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)



THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

WEBER, Carolina Texeira. Apropriação de redes sociais em formatos hipermediáticos no Clarín.com, FinancialTimes.com e NYTimes.com. In: LONGHI, R. D'ANDRÉA, C. (orgs.) **Jornalismo convergente**: reflexões, apropriações, experiências. Florianópolis: Insular, 2012.